



AUGUSTO DE CAMPOS  
DÉCIO PIGNATARI  
HAROLDO DE CAMPOS



# TEORIA DA POESIA CONCRETA



TEXTOS CRÍTICOS  
E MANIFESTOS  
1950 - 1960



LIVRARIA DUAS CIDADES



K 3807192  
D 3807167  
ANSv 1901

MART

Sezione n. 1

Dez anos depois, aqui vai a 2.<sup>a</sup> edição da TEORIA DA POESIA CONCRETA. A demora se deveu, desta vez, não tanto ao desinteresse dos editores como à inércia dos autores. Realmente, mais do que a teoria, nos interessava ver editada a poesia — sempre menos editável —, a poesia, que é afinal o que interessa. A teoria não passa de um tacape de emergência a que o poeta se vê obrigado a recorrer, ante a incompetência dos críticos, para abrir a cabeça do público (a deles é invulnerável). Hoje, depois que a teoria da poesia concreta foi diluída e caricaturada em teorrias mais ou menos patafísicas pela voz das subcorrentes para ou contraconcretóides, afanosamente colecionadas pelos historiadores/arquivistas literários, ela nos parece um esforço quase inútil, urgindo, antes, a leitura dos poemas, embora a nitidez e a coerência das idéias possam ter a virtude detergente de clarear o campo e mostrar, por comparação, o escuro e o sujo das coisas meramente fabricadas. Pelo sim ou pelo não, aqui vai ela, de novo pra vocês, e de novo tó pra eles, chupins desmemoriados.

Na introdução à 1.<sup>a</sup> edição advertia-se que o volume compreendia textos de 1950 a 1960, incluindo apenas um trabalho escrito em 1960, mas só publicado em 1963. E acenava-se com uma segunda coletânea, abrangendo textos teóricos referentes à poesia concreta publicados a partir de 1961. Abdicamos do projeto, não por falta de textos, mas por falta de tempo. Alguns desses textos vieram a integrar livros individuais, como A ARTE NO HORIZONTE DO PROVÁVEL de Haroldo de Campos e CONTRACOMUNICAÇÃO de Décio Pignatari, onde se encontra o que poderia ser considerado o último programa teórico de um integrante do grupo: a Teoria da Guerrilha Artística. Que os leitores insatisfeitos se remetam a eles e a ela.

Mantivemos, pois, o volume como estava, acrescentando-lhe apenas dois textos, inéditos em livro, que nos pareceram indispensáveis para a compreensão dos caminhos assumidos posteriormente pelos poetas do grupo: o manifesto NOVA LINGUAGEM: NOVA POESIA, de Décio Pignatari e Luis Ângelo Pinto (1964), que originou a poesia semiótica e os poemas sem palavras adotados, depois, cabulosamente, por defluxos concretistas como a poesia processo, a poesia sinalística e outras; e o editorial do n.º 5 — o último — da revista INVEN-

Capa — 1965

Criação: Décio Pignatari

Arte-final: Roberto Esteves Lopes

## INTRODUÇÃO À 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

### POESIA-BUMERANGUE-CONCRETA

*Dez anos depois, aqui vai a 2.<sup>a</sup> edição da TEORIA DA POESIA CONCRETA. A demora se deveu, desta vez, não tanto ao desinteresse dos editores como à inércia dos autores. Realmente, mais do que a teoria, nos interessava ver editada a poesia — sempre menos editável —, a poesia, que é afinal o que interessa. A teoria não passa de um tapape de emergência a que o poeta se vê obrigado a recorrer, ante a incompetência dos críticos, para abrir a cabeça do público (a deles é invulnerável).*

*Hoje, depois que a teoria da poesia concreta foi diluída e caricaturada em teorréias mais ou menos patafísicas pela voz das subcorrentes para ou contraconcretóides, afanosamente colecionadas pelos historiadores/arquivistas literários, ela nos parece um esforço quase inútil, urgindo, antes, a leitura dos poemas, embora a nitidez e a coerência das idéias possam ter a virtude detergente de clarear o campo e mostrar, por comparação, o escuro e o sujo das coisas meramente fabricadas. Pelo sim ou pelo não, aqui vai ela, de novo pra vocês, e de novo tó pra eles, chupins desmemoriados.*

*Na introdução à 1.<sup>a</sup> edição advertia-se que o volume compreendia textos de 1950 a 1960, incluindo apenas um trabalho escrito em 1960, mas só publicado em 1963. E acenava-se com uma segunda coletânea, abrangendo textos teóricos referentes à poesia concreta publicados a partir de 1961.*

*Abdicamos do projeto, não por falta de textos, mas por falta de tempo. Alguns desses textos vieram a integrar livros individuais, como A ARTE NO HORIZONTE DO PROVÁVEL de Haroldo de Campos e CONTRACOMUNICAÇÃO de Décio Pignatari, onde se encontra o que poderia ser considerado o último programa teórico de um integrante do grupo: a Teoria da Guerrilha Artística. Que os leitores insatisfeitos se remetam a eles e a ela.*

*Mantivemos, pois, o volume como estava, acrescentando-lhe apenas dois textos, inéditos em livro, que nos pareceram indispensáveis para a compreensão dos caminhos assumidos posteriormente pelos poetas do grupo: o manifesto NOVA LINGUAGEM: NOVA POESIA, de Décio Pignatari e Luis Angelo Pinto (1964), que originou a poesia semiótica e os poemas sem palavras adotados, depois, cabulosamente, por defluxos concretistas como a poesia processo, a poesia sinalística e outras; e o editorial do n.º 5 — o último — da revista INVENÇÃO (1967): mais um texto de Pignatari, com alguns toques dos dois Campos — um quase testamento, ou testamento.*